

## HEMINGWAY NA COVA DAS SERPENTES: REFLEXÕES SOBRE UM CASO DE SUICÍDIO

*Jonas Torres Medeiros  
Lia Carneiro Silveira*

### **Introdução**

Abordar um caso de suicídio pela ótica psicanalítica não é tarefa simples. Nos campos de estudo que mais discutiram o suicídio — Medicina, Teologia, Sociologia, Psicologia — pode-se encontrar ajuda para formar uma opinião. A psicanálise, ao contrário, não nos oferece uma visão de mundo que pretenda dar as chaves da questão.

O que pretendemos é circunscrever as possibilidades de diálogo entre a teoria psicanalítica e o texto literário, biográfico, ficcional. Desenvolveremos abaixo, articulando os conceitos de angústia, repetição e de passagem ao ato em psicanálise, reflexões acerca de um caso clássico que foi de muito interesse para a psiquiatria do último século: o suicídio do escritor Ernest Hemingway.

### **Passagem ao ato e suicídio**

Em sua tese de doutorado, Lacan apresenta o caso Aimée, que gira em torno de um ato criminoso: a tentativa de assassinato de uma atriz. À semelhança do suicídio, esse tipo de crime é muitas vezes chocante para opinião pública. Ambos tem uma característica comum que explica esse choque: o fato serem imotivados. Jean-Claude Maleval (*apud* CALAZANS, 2010) aponta que os crimes imotivados foram, da década de 1920 à década de 1950, um tema constante no debate psicanalítico por romperem com a estrutura clássica de resposta sintomática que possa ser interpretada à luz do desejo inconsciente.

Muitas vezes recorreu-se à noção de *acting-out* para abordar ações que se apresentam de forma disruptiva e irracional; no entanto, nessa perspectiva, perdia-se a oportunidade de pensar a especificidade do ato em questão.

O ato que nos interessa neste trabalho é o suicídio de Ernest Hemingway. Assim, na manhã do domingo 2 de julho de 1961, o escritor acordou muito cedo na sua casa de Ketchum (Idaho). Saiu da cama silenciosamente, deixando a sua mulher Mary dormindo e dirigiu-se ao quarto onde estavam guardadas as armas. Pegou numa espingarda que usava para caçar pombos e, encostando no palato o cano da arma, apertou o gatilho (BURGESS, 1990).

Trinta anos antes, o pai do escritor, o médico Clarence Edmonds Hemingway, tinha-se suicidado no seu consultório, com a velha pistola *Smith & Wesson* do avô. Na própria obra de Hemingway, encontramos o tema da morte e do desfecho trágico. Talvez o exemplo mais claro seja a cena em que Robert Jordan, protagonista do romance “Por quem os sinos dobram”, questionando-se a si próprio pelas mortes inúteis da guerra civil espanhola, evoca a figura do pai, que se suicidou com a pistola do avô.

Recorda assim o protagonista que, depois do funeral do pai — após lhe ter sido entregue a pistola com que ele se matara — ter ido ao lago e, depois de contemplar a sua imagem segurando a pistola na mão, refletida na superfície imóvel da água, libertou-se finalmente desse objeto letal: deitando a pistola no lago.

Alguém que acompanha o protagonista neste momento lhe diz “eu sei porque é que fizeste isso com a velha pistola, Bob”, ao que aquele alter ego do escritor responde “bom, então não teremos que voltar a falar disto”. Este fragmento descreve o mais terrível fantasma do escritor: a morte do pai (HEMINGWAY, 1966).

De fato, o pai de Hemingway se suicidou em 1929. A mãe, Grace Hall Hemingway, tinha uma personalidade dominadora. Segundo Burgess (1990), ela costumava entregar-se ao sentimentalismo devoto e, como era de se esperar, nunca apreciou muito os livros do filho. No dia do batismo de Ernest, ela escreve sobre o filho, no diário, como “uma oferenda ao Senhor, para receber seu nome e a partir de então incluir-se entre os cordeiros de Deus” (BURGESS, 1990, p.8). O fato é que, quando chegou à idade de carneiro, o cordeiro se extraviou. Podemos

compreender boa parte da vida de Hemingway como uma reação extrema à imagem que sua mãe tinha dele: mais tarde, iria se referir à mãe como velha cretina (*old bitch*) (BURGESS, 1990). Numa conversa registrada por Hotchner (1977), o escritor conta:

— O que você deve saber, já que nos compreendemos mutuamente, é o que minha mãe me disse, naquele dia que voltei, em busca de minha herança. “Não me desobedeça”, disse-me ela, “pois, do contrário, você o lamentará durante toda a sua vida, como seu pai fez”. (...) Ernest ia dizer mais alguma coisa sobre sua mãe, mas seus olhos deixaram Oak Park, e ele retornou. (p. 133)

Ela enviou-lhe pelo correio a pistola com a qual o seu pai tinha se matado. O escritor, atônito, não sabia se ela queria que ele repetisse o ato do pai ou que guardasse a arma como lembrança (HOTCHNER, 1967).

Vê-se que Hemingway realizou, com o suicídio, a repetição de um ato, que, como disse Lacan, “é o único ato capaz de ter êxito sem qualquer falha” (LACAN, 1974/2003, p.541). Pode-se afirmar que o ato é sempre fracassado pelo simples fato de ele não poder realizar uma ruptura absoluta. No momento em que ele enceta a ruptura, de imediato, ele é reinserido no Outro. Podemos dizer que ao corte produzido pelo ato segue uma costura no Outro. Todo ato encontra, inevitavelmente, uma inscrição no Outro, o que faz com que a própria ideia de corte absoluto fracasse. O suicídio, contudo, é o único ato que de fato foi ao fim do corte que ele implica, que decreta uma ruptura definitiva. Depois dele, o sujeito não reencontra sua presença como renovada, pois não há mais sujeito, não há mais Outro; é o fim de tudo (LACAN, 1960-61/1992).

Ernest repete o ato do pai. A dimensão clínica da repetição é exposta num texto de Freud (1914/1976), *Recordar, repetir e elaborar*. Nele, Freud argumenta que a descoberta do fenômeno da resistência fez com que abandonasse a hipnose em favor de uma nova concepção para sua prática, fundada na regra das associações livres — regra que receberá, posteriormente, o título de fundamental para o exercício da clínica psicanalítica.

Nesse momento, Freud se vale também do conceito de elaboração: ela seria uma forma de lidar com a resistência, proveniente da repetição não simbolizada. Ao ser capaz de simbolizar um evento ocorrido por atuação, o analisante racionalizaria seu comportamento diante do analista, dando a ele a capacidade de elaborar a repetição, de forma simbólica, mais propícia a ser articulada com outras idéias inconscientes. Hemingway nunca fez análise, mas afirmava que a escrita tinha para ele semelhante função, e, de fato, em seus livros estão presentes vários fantasmas de sua história de vida:

— Você quer dizer — indagou Ava Gardner — que nunca teve um analista?  
— Claro que tenho, uma máquina de escrever, Corona portátil, número três. Vou confessar-lhe uma coisa [...] Quando um homem está em rebelião contra a morte, como eu estou contra ela, sente prazer em assumir um dos atributos divinos, que é o de dá-la (HOTCHNER, p. 156).

Para pensarmos, além disso, acerca da repetição, devemos também refletir sobre sua gênese, na cadeia de significantes e sua relação com o pequeno *a*. Como a repetição se dá? Observamos que o pequeno *a* é o motor da cadeia de significantes, fazendo-a prosseguir em seu movimento repetitivo. Mas sabemos também que a verdade do sujeito se localiza no que é, para ele, o objeto *a*. Pode-se presumir que a "passagem ao ato falha" faz com que a verdade do objeto *a* — consistência lógica com a qual o sujeito faz existir o Outro — seja revelada.

### **Angústia e objeto *a* na estrutura da passagem ao ato**

No seu texto *Inibições, sintoma e angústia*, Freud (1926/1976) abandona sua teoria da angústia como originada da libido e passa a considerá-la como uma reação a uma situação de perigo ou traumática. Retomando o caso do Pequeno Hans e do Homem dos Lobos, ele observa a presença de sentimentos ambivalentes frente a figura paterna e afirma que nesses pacientes, o impulso hostil contra o pai sofreu repressão por meio do processo de ser transformado em seu oposto (eles temiam os animais ao invés de agredi-los).

Já foi mencionado que Ernest odiava a mãe e que sua vida foi uma reação extremada à visão que ela tinha do filho. Ernest também se voltaria contra o pai, mas só quando este, antecipando o filho, num estado profundo de angústia, matou-se com um tiro. Nesse acidentado relacionamento parental, podemos observar a relação essencial entre a angústia e o desejo do Outro. Há um relato do escritor, também no livro escrito por Hotchner (1977):

[...] Muitos anos mais tarde, pela época do Natal, recebi um pacote de minha mãe. Continha o revólver com o qual meu pai se suicidara. Havia um cartão, no qual ela dizia que talvez eu gostasse de possuí-lo; eu não sabia se era um presságio ou uma profecia (p. 131).

Ao referir-se ao desejo do Outro, Lacan traz a dimensão do Outro, como lugar do significante para a definição de angústia. Ele parte da própria definição de sujeito como determinado pelo significante, como constituído pelo traço unário, o significante mais simples, que o precede. Nessa relação ao Outro, o sujeito se inscreve como um quociente, isto é, como um resultado dessa marca significante. Mas há um resto, um resíduo, no sentido mesmo da operação matemática da divisão (LACAN, 1990).

Esse resto, esse irracional, esse enigma, é o objeto *a*, única garantia da alteridade do Outro. A problemática da angústia se vincula ao desejo do Outro justamente enquanto estrutura portadora desse enigma, nesse ponto de falta que faz do Outro o Outro, o objeto *a*. É dele que se trata quando Freud fala da angústia. Nesse sentido, para Lacan (1990), não se pode dizer que a angústia é sem objeto.

Esta formulação nos reenvia à experiência primitiva do objeto, ao complexo do próximo que, no Projeto de 1895, Freud (1895/1976) articula ao desamparo primordial do sujeito humano, que o inscreve indelevelmente na dialética da relação ao outro. Para Lacan (2005), a angústia não é sem objeto, o que não significa dizer que ela tem um objeto. O objeto que se trata na angústia é esse objeto que é apenas um lugar, que tem um estatuto especial de causa do desejo: o objeto *a*. A fórmula da fantasia ( $S/\diamond a$ ) desenvolvida por Lacan, mostra

que ela é o lugar por excelência onde o sujeito tenta enquadrar o objeto, mantendo-o a uma distância segura, ao mesmo tempo em que dele extrai um gozo.

É nessa báscula das relações que se estabelecem entre o sujeito e o objeto a que Lacan vai situar os episódios de passagem ao ato, cuja máxima seria o suicídio. Na passagem ao ato, trata-se, segundo ele, de um largar de mão que se passa do lado do sujeito, na medida em que esse aparece apagado ao máximo pela barra. O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito – ele se precipita e despenca fora da cena (LACAN, 2005, p. 129).

O Sujeito se ausenta da cena fantasmática que até então o sustentava, rompendo definitivamente com sua inscrição no campo do Outro e colocando em evidência apenas o *a* como puro vazio.

### **Considerações finais**

A partir de uma leitura-escuta da biografia de Hemingway e de uma reflexão sobre os textos psicanalíticos de Freud e Lacan, examinamos os elementos que nos permitem pensar a articulação entre angústia, repetição e passagem ao ato. Longe de ser uma tentativa de psicobiografismo, este estudo não esgota a análise das relações entre os conceitos psicanalíticos e o caso em questão.

O que pretendemos foi delinear nossa atitude de pesquisa com relação às possibilidades de diálogo entre o texto literário-biográfico e a construção teórica em psicanálise, podendo contribuir para futuras investigações teóricas e clínicas.

### **BIBLIOGRAFIA:**

BURGESS, Anthony. **Ernest Hemingway**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. **Passagem ao ato e *acting-out***: duas respostas subjetivas. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, ago. 2010.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Recordar, Repetir, Elaborar (1914) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Inibição, Sintoma e Angústia (1926) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

HEMINGWAY, Ernest. **Por Quem os Sinos Dobram**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

HOTCHNER, A. E. **Papá Hemingway**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LACAN, J. **Seminário, livro 8**: A Transferência (1960-61). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. **Seminário, livro 10**: A Angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LACAN, J. Televisão (1974). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Jonas Torres Medeiros**. Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista de iniciação científica integrante da pesquisa “Clínica do Sujeito e Psicanálise: Pensando novas estratégias de intervenção em saúde mental”.

**Lia Carneiro Silveira**. Psicanalista, Doutora em Enfermagem, Professora do Curso e Psicologia e do Mestrado em Cuidados Clínicos da UECE. Coordenadora do Laboratório de Clínica do Sujeito: saber, saúde e laço social.